



INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

DIAKENGA LUCAS VICTOR

**A ESTIGMATIZAÇÃO DA ETNIA BAKONGO: UM ESTUDO VOLTADO À
PROVÍNCIA DE LUANDA-ANGOLA**

REDENÇÃO

2021

DIAKENGA LUCAS VICTOR

**A ESTIGMATIZAÇÃO DA ETNIA BAKONGO: UM ESTUDO VOLTADO À
PROVÍNCIA DE LUANDA-ANGOLA**

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Denise Ferreira da Costa Cruz.

REDENÇÃO

2021

DIAKENGA LUCAS VICTOR

**A ESTIGMATIZAÇÃO DA ETNIA BAKONGO: UM ESTUDO VOLTADO À
PROVÍNCIA DE LUANDA-ANGOLA**

Aprovada em: 14/04/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a Denise Ferreira da Costa Cruz (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira (UNILAB)

Prof^a. Dr^a. Denise Moraes Pimenta (Examinadora externa)

Cidacs/Fiocruz-Bahia (BA)

Prof^a. Dr^a. Michelle Cirne Ilges (Examinadora Interna)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

LISTAS DA SIGLAS

CRA-Constituição da República de Angola

FNLA-Frente Nacional de Libertação de Angola

MPLA-Movimento Popular de Libertação de Angola

RDC-República Democrática do Congo

SADC-Comunidade de Desenvolvimento da África Austral

UNITA-União Nacional Para Independência Total de Angola

UNILAB-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

RESUMO

O presente projeto intitulado “A Estigmatização da Etnia Bakongo: um Estudo Voltado a Província de Luanda Angola”, vai abordar os processos de estigmatização enfrentados por pessoas da Etnia Bakongo do Norte de Angola, especificamente da Província do Uíge, que deslocam-se à capital Luanda. Esse povo sofre perseguições culturais de pessoas pertencentes a outras etnias, que se expressam de modo depreciativo aos Bakongo. Essa estigmatização engendra uma segregação dos membros da etnia na sociedade angolana. Isso se dá uma vez que há o entendimento de que esses povos pertencem à República Democrática do Congo e são usurpadores do Patrimônio Angolano. Destaca-se o momento histórico ocorrido em Luanda conhecido como “Sexta-Feira Sangenta” onde pessoas do grupo linguístico Kikongo em Janeiro de 1993 foram vítimas de uma chacina.

Palavra chave: Etnia Bakongo, Estigma, Sociedade Angolana.

ABSTRACT

El presente proyecto titulado Estigmatización de la etnia bakongo un estudio dirigido a la provincia de Luanda Angola abordará los procesos de estigmatización que enfrentan las personas de etnia bakongo del norte de Angola específicas de la provincia de Uíge que viajan a la capital, Luanda. forma de Ciudadanos de la misma Sociedad que se Expresan Despectivamente al Bakongo con la Intención de Separar a los Miembros Étnicos de la Sociedad Angoleña alegando que pertenecen a la vecina República Democrática del Congo y son usurpadores de la Herencia Angoleña a través de este sentimiento de Etnia Luanda Los conflictos surgieron con mayor énfasis en el Viernes Sangriento del Grupo Lingüístico Kikongo en enero de 1993, evento que culminó con la masacre de muchos Bakongo desde entonces. La Sociedad Luandan no considera a los Bakongo como angoleños porque tienen características culturales similares a los congoleños .

Palabra clave: Etnia Bakongo, Stigma, Sociedad angoleña.

Sumário

1. APRESENTAÇÃO	7
2. JUSTIFICATIVA	9
3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA	10
4 OBJETIVOS	10
4.1 OBJETIVO GERAL	10
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
5 HIPÓTESES	11
6. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA	12
6.2 O ESTIGMA	14
6.3 A ESTIGMATIZAÇÃO DOS BAKONGO EM LUANDA	16
6.4 ESPAÇO DE INSTALAÇÃO DOS BAKONGOS EM LUANDA	19
6.6 A ESTIGMATIZAÇÃO NO ESPAÇO RELIGIOSO BAKONGO	22
7 METODOLOGIA	26
8 CRONOGRAMA	27
REFERENCIAS	28

1. APRESENTAÇÃO

O presente projeto de pesquisa vai abordar os processos de estigmatização enfrentados por pessoas da etnia Bakongo do norte de Angola que se dirigem à capital angolana, Luanda. A opção de abordagem deste tema, se dá pelo fato da observação do autor nessa localização. Mais especificamente, posiciono-se como um pesquisador que está implicado na construção do objeto que aqui se revela. Sou membro da etnia em questão e, portanto trago elementos consistentes sobre essa realidade. Algumas autoras negras pautam essa questão acerca do olhar localizado a partir das suas narrativas (HURSTON, 1928; HOOKS, 2000; CHIZIANE, 2018; NASCIMENTO, 2006; GONZALES, 1983). Obviamente, cada uma delas apresenta caminhos diferentes a esse respeito.

Dentre essas escritoras identifico-me mais fortemente com o trabalho da Paulina Chiziane (2018), sobretudo pelo fato dela ser uma mulher africana. Quando a mesma afirma em seu ensaio “Eu, mulher... por uma visão de mundo” que escrever a partir do olhar feminino pode pautar questões que nós homens nos enriqueceríamos, ela dá aportes para pensar a escrita a partir de si. Nesse sentido, trago nessas páginas um pouco de mim e da trajetória daqueles que conheço profundamente, sem contudo, realizar uma auto-etnografia.

Partindo de observações entre pessoas do meu grupo étnico, e, portanto, tendo essa realidade muito próxima a mim, eu quero apresentar princípios de cidadania observados em Luanda. Assim, quando observamos a descrição da República de Angola, encontramos a seguinte definição: “Angola é uma República soberana e independente, baseada na dignidade da pessoa humana e na vontade do povo angolano, que tem como objetivo fundamental a construção de uma sociedade livre, justa, democrática, solidária, de paz, igualdade e progresso social” (CRA, 2010, artº1).

Esses são, portanto, os princípios que regem a composição do país a partir da sua constituição da República. O presente trabalho busca apresentar, relações de tensões encontradas no país, no que diz respeito à estigmatização de pessoas da Etnia Bakongo

residentes em Luanda, questionando se de fato é possível falarmos em uma sociedade de igualdade.

Luanda é a capital de Angola e é assim descrita por Telo (2012):

“O território de Angola é um planalto cuja altitude varia entre os 1000 e 1500 metros, limitado por uma estreita faixa de terras baixas na região costeira. É o quinto maior país da África e ocupa uma extensão de 1.246.700 km², situa-se na costa ocidental austral, limitado ao Norte pela República Democrática do Congo, ao Sul pela república da Namíbia, e ao leste pela República da Zâmbia” (TELO, 2012.p.14).

Esse vasto território comporta várias etnias, dentre os quais três grandes grupos étnicos são Ovimbundos, os Kimbundos e os Bakongos. E existem grupos menores como os Lunda Cokwe, Gangela, Nhaneca-Humbe, Ovambo, Herero e Hotentote-Bosquimano (grupo não bantu). De acordo SILVA (2014):

“Pelas limitações fixadas na última convenção Luso-Belga de 1928, o seu território estende-se de Norte a Sul num comprimento aproximado de 1300 km e de Oeste a Este em cerca de 1250 km. A região fronteiriça de Angola tem uma extensão de 6487 km, dos quais 4837 km são de fronteira terrestre e 1650 km de fronteira marítima”. (SILVA; 2014)

O enclave de cabinda é a província que está catograficamente separada do restante do território nacional, faz fronteira com a República do Congo a Norte e com a República Democrática do Congo a Leste e a Sul e fronteira marítima com o Oceano Atlântico a Oeste. Acrescenta TELO (2012):

“A sua maior altitude, encontra-se no morro do moco na província do Huambo, a 2.620 metros, o seu clima é distinto apresentando desde o seco deserto até ao tropical chuvoso de savana e temperado por efeito da altitude. Angola tornou-se independente no dia 11 de novembro de 1975, herdando as fronteiras até aí definidas, resultante da conferência de Berlim 1884-1885.” (TELO: 2012)

Essas fronteiras definem o espaço do território desde a ocupação colonial até os dias atuais e que caracteriza um país de grande dimensão territorial.

Portanto, o país é constituído por dezoito províncias (18), cento e sessenta municípios (160), e cento e setenta e sete comunas (177)¹. O país compreende uma população que tem proximidade de 25.789.024 habitantes, dados referente ao último censo demográfico realizado em 2014 em todo o território. A capita de Angola é Luanda, onde residi durante minha formação escolar e onde vive um número considerável de pessoas Bakongo.

2. JUSTIFICATIVA

“Os do Uíge são todos atrasados e esses gajus (caras) não sabem nada, só dependem da feitiçaria ou macumba.” Essa é uma frase recorrente de pessoas de Luanda que não são pertencentes à etnia Bakongo. Partindo desse olhar que a nós é direcionado que parto para a elucidação de práticas ostensivas que nos segregam e nos discriminam. Assim, a presente pesquisa dá-se por conta de interesses incentivados pelo meio familiar e pessoal com intenção de resgatar as práticas educacionais que me foram e, nesse contexto, foram repreendidas durante minha educação formal em Luanda, onde abri mão de costumes tradicionais para ser aceito e considerado no meio luandense.

Ao falarmos da estigmatização da Etnia Bakongo em Luanda, lançamos olhares sobre um dos maiores conflitos étnicos que o país enfrenta e que divide a sociedade por dois extremos ideológicos. Sendo o primeiro os que preservam as raízes da ancestralidade e outro os que reproduzem as práticas do colonialismo. Cabe aqui explicar que os Bakongo fazem parte da sociedade Angolana e que existem diferenças entre os Bakongo de Angola e os zairenses do Congo. Ambos os povos têm origem do grupo Etnolinguístico que derivou do Bantu e estendeu-se na metade da África Austral. Este povo tinha como pretensão a prática do comércio e a plantação agrícola. Foram esses dois fatores que os permitiram-lhes deslocarem-se do centro-oeste ao sul de África à procura de melhores condições de vida. A província do Uíge foi escolhida por ser o lugar onde os meus pais nasceram, viveram toda a sua juventude, e começaram a formar família. Ao chegarem em Luanda enfrentaram diversos problemas de inclusão social, sendo essa uma inquietação presente em minha trajetória de vida e intelectual. Dessa forma, acredito que posso contribuir a partir de um olhar apurado para a pesquisa em questão. Por outra razão o Uíge é a Província com maior número de

1 Dados atualizados referente ao último censo 2014
<https://aurelioschmitt.blogspot.com/2016/04/comunas-e-municipios-por-provincia-em.html>.

municípios, agregando dezasseis (16) no total assim é considerada a Província com mais Municípios de Angola.

Acredito que essa pesquisa possa contribuir na relevância acadêmica com o intuito dos estudantes compreenderem que as práticas de estigmatização causam conflitos étnicos e resultam em violência. Tenho uma preocupação emergente de que as instituições desde o ensino secundário até ao universitários em Angola comecem a descurtir essa problematização a fim de que tenhamos um estado nação forte com equilíbrio e emancipação cultural.

3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo discutir os estigmas atribuídos os membros da Etnia Bakongo do Uíge ao chegarem em Luanda, focando no caso específico os rótulos de estrangeiros que são acusados os Bakongo. Muitas vezes na sociedade Luandense, rotulam os Bakongo como sendo indivíduos pertencente a República Democrática do Congo. Deste modo, pretende-se a partir do presente projeto, situado no campo antropológico as questões que estão envolvidas na estigmatização cultural da Etnia Bakongo na capital do País, onde encontramos elevado número de mukongos que coabitam em diversidade culturais. Associando as causas que possam gerar conflitos Étnicos. Assim, nos perguntamos: “Como devemos formar um Estado-Nação de convivência multicultural?”

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender a Estigmatização dos Bakongo em Luanda.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os Estigmas que são Atribuídos aos Bakongo de Estrangeiro em Luanda (motivo que as pessoas professam esse adjetivo).
- Identificar os Estigmas Atribuídos ao Bakongos em Luanda (associar o espaço de instalação da população bakongo).
- Problematizar a Estigmatização no Espaço Religioso dos Bakongos.

5 HIPÓTESES

Estudos sobre deslocamentos no continente africano sempre foram pautas de debates acalorados. Seja no circuito acadêmico, seja no debate público mais amplo. O texto de Achille Mbembe (2015), “Afropolitanismo” insere, em um ensaio provocador, a possibilidade de pensarmos o continente como um espaço onde as trocas intensas com outros povos existem, não a partir do colonialismo, mas se confunde com toda a história do mesmo. Não iremos nos deter nas possibilidades reflexivas que o texto nos abre, mas é importante mencionar todo o esforço feito por historiadores, arqueólogos, paleontólogos, antropólogos em reescrever a história da África a partir de uma perspectiva onde a mesma não é historicizada somente a partir do colonialismo (M’bokolo, 2006). Deslocamentos, temos que nos lembrar, são também inseridos em fortes relações de poder. Assim, muitas migrações forçadas por conta de conflitos armados, busca por melhores condições de vida devido à falta de financiamentos para a agricultura, epidemias e conflitos étnicos são uma das causas dos conflitos que podemos elucidar.

A Etnia Bakongo, sendo caracterizada como um povo que pratica fortemente o comércio, com a intenção de vendas e trocas, os Bakongo deslocam-se para Luanda desde a era pré-colonial, dando assim a continuidade do grupo Bantu no qual derivaram o grupo etnolinguístico kongo. Os Bantu foram os primeiros grupo a espalharem-se e cruzarem a metade da África, a procura de terras férteis para prática das suas atividades agrícolas.

H1. A cultura do povo Bakongo e os nomes dos indivíduos, estão associados como alvo a serem atribuídos os estigmas (um dos fortes é consequências da modernidade e a negação de nomes tradicionalmente étnicos ou da raiz cultural) os nomes culturais dos Bakongo em Luanda são rotulados de pertencerem aos estrangeiros do Congo.

H2. A trajetória e a língua da Etnia Bakongo causa estigmatização de outros grupos etnolinguísticos na sociedade angolana particularmente em Luanda (os choques culturais não são apenas com os membros da cultura kongo, mas também com outros grupos etnolinguístico de Angola), indivíduos esses que ao chegarem em Luanda lhes é atribuídos nomes pejorativos que servem para caracterizá-los dos indígenas. Mas os Bakongo são maiores alvos desse ataques tribais.

H3. Os estigmas em Luanda têm viés para a destruturação da futura sociedade (com as implementações dos estudos culturais na iniciação escolar, e mobilização massiva da sociedade, teremos a possibilidade de evitarmos esse apartheid social?).

6. FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

“Quando cheguei em Luanda no ano de 1988, não me sentia no direito de falar as línguas lingala e kikongo, porque erámos identificados como zairenses. Outra dificuldade nas relações pessoais não era fácil entrar numa empresa estatal, por causa da discriminação que tinha para conosco.”(Relato de um interlocutor Bakongo não identificado).

“O que me aconteceu em 1993, quando dos confrontos dito sexta feira sangrenta dos Bakongo, fui discriminado no serviço era na endiama no projeto luzamba (Empresa de extração de diamantes), me despediram passei mal com a minha família, perdi o meu lar por falta de emprego.” (Relatos de um interlocutor Mukongo² não identificado que deslocou-se da Província do Uíge para Luanda, ainda em tempos de guerra cívil que o país enfrentava.)

Os trechos recolhidos acima de interlocutores da etnia Bakongo foram extraídos de conversas na internet, mais especificamente, o site de relacionamentos Facebook³ e me foram confiados a fim de que eu tecesse considerações sobre os processos de estigmatização da etnia em Luanda. Observe que não se trata aqui apenas de uma desconfiança, mas também de uma segregação social que é percebida sobretudo através da língua.

Há vinte e oito anos, acontecia em Luanda, na capital de Angola, no dia 23 de janeiro de 1993, um dos maiores massacres Etnico da história de Angola, a chamada Sexta-feira Sangrenta dos Bakongo. Tal episódio ocorreu por razões xenófobas que culminaram em chacina de muitos membros do grupo linguístico kikongo. O acontecimento se deu nos bairros onde habitavam maioritariamente os Bakongo. Os bairros da Petrangol, Mabor e Palanca, foram os mais afetados. Estes conflitos eram considerados como sendo um desconforto entre as etnias em Luanda, na verdade tratou-se de conflitos pré-eleitoral. Onde

2 Mukongo é um membro ou singular que no plural são os bakongo.

3 Facebook é uma rede de relacionamentos disponível na internet.

os Bakongo foram acusados de serem congolezes que entravam em Angola com a intenção de apoiarem os partidos da oposição com a pretensão de prolongarem a guerra cívil.

A fim de apresentar um pouco a constituição desse grupo étnico iremos apresentar por onde eles estão situados. O grupo etnolinguístico Bakongo, derivou da região dos grandes lagos (Centro de África) e estendeu-se até ao sul da África Austral, compreendendo assim os países como: Gabão, República do Congo, República Democrática do Congo, República de Angola, República da Namíbia, etc.

De acordo com ROCHA (2009) “Os Bacongo ocupavam sobretudo o norte do território angolano, como é o caso do Enclave de Cabinda, e as regiões do noroeste. A sua matriz identitária revela que “faziam parte do grande Reino do Congo, radicado historicamente numa área que abrange o ex-Congo Francês, o ex-Congo Belga e o Norte de África” O território que localizava-se o reino do congo até a chegada dos portugueses foi a região mais forte e estruturada da África Central”.

Por causa de ser o primeiro local onde os portugueses chegaram e tiveram os contatos iniciais com os africanos no reino do kongo em 1482, daí surgiu a ideia de fortificar de foram massiva a região com o intuito de resguardar o reino e o seu património, só assim foi possível a expansão da etnia em países diferentes e consigo arrastaram hábitos e costumes que resultam em semelhança cultural.

“Os Bakongo de Angola identificam-se pelas suas características culturais típicas, a sua facilidade de adaptação, as suas experiências de arte e de técnica, a agricultura e o comércio; por isso, o Mukongo (singular de Bakongo) é reconhecido em qualquer parte do país” (DODÃO, 2017,p.5).

Os Bakongo contam hoje com um grupo com cerca de 480.000 habitantes, ocupando a terceira posição entre os maiores grupos etnolinguísticos do país. Este grupo subdivide-se em Basikongo, Bandongo, Pombo, Nsoso, Suku, Yaka, Zombo, Hungu, Bayombe e Woyo. A sua actividade principal é a agricultura com uma tendência actual para a mecanização (DODÃO, 2017, p.6).

E sendo assim os Bakongo de Angola, estão localizados na Províncias de Cabinda; Uíge e Zaire. O grupo etnolinguístico Bakongo apresentam as seguintes variantes ou dialectos: cabinda, cacongo, chicongo, conje, laca, congo, guenze, lombe, paca, pombo,

sorongo, sossos, suco, sundi, uoio, vili e zombo, totalizando 17, resultando no kikongo como a língua padrão e popular da Etnia.

6.2 O ESTIGMA

Partindo do pressuposto universal da palavra, o estigma resumisse em atos discriminatórios que uma minoria ou maioria atribuem adjetivos de carácter desagradável a outrem, e isso causa graves consequências na associalização de indivíduos da mesma sociedade. Definindo o estigma, de acordo Erving Goffman (1891),

“O termo estigma, surgiu na antiga grécia, Os gregos que tinham bastante conhecimento de recursos visuais criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos” (GOFFMAN, 1891, p.5).

Em Angola os Bakongo são marcados pelo sotaque nas suas fala por causa da influência da língua materno regional, ao falarem o português não é suavizado de forma esperado na sociedade luandense também o vestuário é uma das formas que caracterizam os membros da Etnia, por intermédio desses dois fatores são estigmatizados pelos indivíduos que não pertencem a cultura kongo em Luanda.

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com "outras pessoas" previstas sem atenção ou reflexão particular” (GOFFMAN,1891. p.5).

As relações de base na convivência nas sociedades tradicionais e modernizadas dá-se de principio de aceitação e aproximação entre os indivíduos, Luanda sendo uma cidade modernizada e miscigenada, observamos uma convivência plural em termo de relação amigavel existente. Mas essa correlação muitas vezes são seletivas do ponto de vista Etnico,

os Bakongo por causa dos rótulo que sofrem, têm tendência de se aproximarem mais aos congolês em Luanda, ambos os povos enfrentam estigma similar.

“Estes, por sua vez, depois de serem socialmente instituídos e individualmente internalizados, passam a existir independentemente dos estigmas que os possam ter originado, naturalizando-se e, tornando-se estáveis na sociedade. Definidos pelos dicionários correntes como “conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste; superstição, credice; suspeita, intolerância”, os preconceitos podem gerar ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, como percebemos frequentemente em diversas relações sociais” (COSTA e MIESSA, apud, SOARES, 2009,p.145)

A sociedade Angola reproduz o tribalismo entre as etnias locais, desde a época da modernidade e esse manifesto comportamento é frequente até os dias atuais, as relações interpessoais entre membro de etnias diferentes é pouco saudável, as pessoas têm mais afeito uns aos outros quando pertencem o mesmo grupo etnolinguístico e desta forma sentem-se valorizados ao associarem-se e o estigma não se faz sentir neste meio afetivo. Segundo Goffman (1951,p.5) distingue três tipos de estigma:

[...] as deformações físicas (deficiências motoras, auditivas, visuais, desfigurações do rosto, etc.), os desvios de carácter (distúrbios mentais, vícios, toxicodependências, doenças associadas ao comportamento sexual, reclusão prisional, etc.) e estigmas tribais (relacionados com a pertença a uma raça, nação ou religião)

Entre todas essas características o mais frequente na sociedade Luandense é o estigma tribais, Luanda sendo uma cidade miscigenada cultural e racialmente existe muitos choques de etnias diferentes.

Sendo assim, o estigma que é característico nas discriminações e preconceitos são visíveis nas sociedades e criam rotulações no sentido de afastamento social de indivíduos pertencentes da mesma sociedade, no caso de Luanda que alberga diversas culturas, existe conflito étnico palpável ou visível, notamos indivíduos do mesmo país a

discriminarem seus compatriotas, por causa de apresentarem e comportarem-se de forma diferente.

6.3 A ESTIGMATIZAÇÃO DOS BAKONGO EM LUANDA

Angola sendo o único país da SADC que não aderiu as autarquias, o poder executivo, econômico e judiciário, coloca Luanda como centro de desenvolvimento do país, e beneficiando de maiores infraestruturas existente no país, a cidade é atrativo e recebe indivíduos vindo do interior e do mundo à fora.

“A atual capital de Angola, Luanda é uma das mais antiga e intensas ocupações portuguesa, que vem desde o século XVI. Na costa do oceano atlântico, atualmente a sua população é compreendida por 6.945.386 habitantes (dados do último censo populacional realizado em 2014)⁴. Por sua localização costeira, foi estratégica para o tráfico de escravos, se destacando na economia local do século XIX. no que se segue no século XX, chamado o novo período colonial dos portugueses, a cidade se desenvolve com altas taxas de urbanização, tendo a dimensão de autoridade como um polo político e econômico” (CALDAS, 2019,p.8).

Com a efetivação da paz em 2002 o crescimento da esfera económica em Luanda começou nos anos de 2004/5, ainda na ressaca da guerra cívica que destruiu o país durante vinte e três anos, nessa década Luanda virou centro das atenções para muitos indivíduos que pretendiam ter oportunidades de crescer na vida em termos profissional, académico e pessoal. Numa Luanda menos afetada pela guerra em relação as outras províncias do país, e que acabará de renascer de mãos abertas para receber os que tivessem prontos a crescer para o seu desenvolvimento, desta feita começaram a surgirem trajetórias ou deslocamentos de etnias diversas que procuravam suas inserções na sociedade luandense.

Cabe, contudo, ressaltar que há diversas outras formas de inserção dos Bakongo na sociedade luandense e angolana, sobretudo por estratégias classistas e iniciativas individuais e familiares. Neste caso, estou abordando o grupo Bakongo na dimensão de uma ação social “eticamente” identificada (por eles mesmos e por

4 Dados definitivos do censo 2014 <http://www.keyresearch-ao.com/angola-populacao-angolana-atinge-25-milhoes-de-habitantes-segundo-dados-definitivos-do-censo>.

outros grupos) [...] Mas faço o recorte específico dos Bakongo como grupo, tomando como lugar de observação alguns bairros da periferia de Luanda e suas redes de relações (PERREIRA, 2004, p.23).

Os Bakongo que foram exilados na República Democrática do Congo, por causa do processo das guerras anticolonial (1961-1974) e a cívil ou guerra interna (1979-2002) entre o MPLA contra a FNLA e a UNITA. Guerras que assolaram Angola e com a efetivação da paz (04/04/2002), esses indivíduos que refugiaram-se no RDC, ao voltarem em Angola, recebem o estigma de regressados, termo que está associado aos refugiados da República Democrática do Congo.

“O interesse no grupo de ex-exilados retornados do Zaire deve-se ao fato deste grupo ter tido uma longa vivência e socialização no país vizinho: mais de uma geração nasceu e cresceu no antigo Congo Belga (depois Zaire, atualmente República Democrática do Congo). O retorno dos exilados não é feito, na sua maioria, para a região de origem do grupo, o norte de Angola, e sim para a capital do país” (PEREIRA, 2002, p.48).

O regresso de alguns angolanos da República Democrática do Congo, projetam diretamente para Luanda, para os membros que chegam do norte do país são rotulados de Langas⁵. E para os que regressam do Congo são estigmatizados de zairenses⁶. Designação essa que vem se reproduzir de geração à gerações. Esse manifesto comportamental é notório na sua maioria jovens, já para os mais velhos e algumas instituições públicas é de forma pejorativo camuflado, portanto a falha da unificação de um estado-nação que valoriza e preserva as suas culturas estão na base do sucedido.

PEREIRA (2012) afirma que “os Bakongo que regressam em Angola, recebem o estigma de estrangeiros (de forma depreciativa) da população de Luanda. São associados a imagem do FNLA, o movimento que disputou o governo com o MPLA na primeira guerra cívil”. Por causa da guerra cívil que decorreu na década de 1979/2002, entre o MPLA e os partidos da oposição nomeadamente a FNLA e a UNITA, alguns angolanos refugiaram-se aos

5 Zaiko langa-langa, foi uma banda musical da República Democrática do Congo, dos anos 60 <https://www.youtube.com/watch?v=f5NkBI2LQsw>.

6 Denominação dos indivíduos que pertenciam antiga colônia belga Zaire, atual RDC.

países vizinhos, destaque aos Bakongo muitos foram a procura de proteção na República Democrática do Congo por ser uma etnia de fronteira (como considera Luena Pereira 2002), isto é costumes semelhantes.

“Do ponto de vista dos habitantes de Luanda, os angolanos regressados do zaire e estabelecidos na capital, durante e depois dos conflitos entre os dois movimentos, tivesse ou não relações direitas com a FNLA, adquiriram a alcunha de estrangeiros. No mesmo sentido a entrada das tropas da FNLA foi identificada como uma invasão zairense e estrangeira. A identificação simplista e depreciativa regressados -FNLA- zairenses se tornou o raciocínio padrão para setores da população de Luanda” (PEREIRA, 2002,p.6).

Em Luanda os Bakongo são considerados como estrangeiros, ou seja indivíduos que pertencem a RDC, esse é um problema de confronto para os Bakongo quando chegam em Luanda percepção equívoca de muitos indivíduos em angola e particularmente na capital Luanda, dá-se desde as instituições públicas apartir do nome dos Bakongo que são originario do Bantu com raizes africana, E pela associalização dos indivíduos assimilados que reproduzem o colonialismo, Os Bakongo enfrentam muitas dificuldades na incersão da sociedade luandense.

“Grupos que se veem em dificuldades de integração nacional. São pegos em meios em disputas circunscritas em critérios, que para eles não fazem sentido. No caso dos Bakongo, sua associação aos estrangeiros do zaíre, os coloca em condição de tensão com a população luandense” (PEREIRA, 2019, p.10).

O tribalismo em Luanda é um assunto muito vivenciado e praticado pelos indivíduos que intitulam-se como luandenses aos Bakongo que são rotulados de langa ou zairenses por causa da proximação fronteriça com RDC e a relação tradicional existente entre ambos os povos (zairenses e Bakongo), descriminados até os dias atuais a perseguição continua aos membro da etnia, na sociedade, escolas, trabalho e até nas redes sociais. Essas presseguições dá-se com a intenção de expulsarem os Bakongo de Luanda para a República Democratica do Congo justificando que é o espaço de origem da Etnia.

6.4 ESPAÇO DE INSTALAÇÃO DOS BAKONGOS EM LUANDA

Os Bairros são locais onde as pessoas socializam-se diretamente sem barreiras de intimidades e vivenciando uma vida coletiva amigável, A zona de instalação que os Bakongo se sentem hospitaleiros em Luanda são em Bairros periféricos que possui uma relação histórica entre os Bakongo e os Zairenses, esses dois grupos sentem-se solidários e vivem na base de relação comerciais que ambos têm como ofício para sua sustentabilidade. Luanda é uma cidade que situa-se entre as fronteiras do asfalto e os musseques, como descreve PEREIRA (2008, p.55)

“A palavra musseque vem da língua kimbundo, mu=lugar, seke=areia. Refere-se ao terreno arenoso e vermelho característico da paisagem de Luanda. Os musseques são os chamados bairros de construção precária e ocupação “desordenada” [...] Os musseques, portanto, equivalem às nossas favelas, caracterizados pela ausência de urbanização e saneamento, opondo-se à “cidade do asfalto”, a cidade urbanizada, que concentra os equipamentos urbanos modernos, com seus serviços e comércio formal”.

Estes musseques que são de construções de casas de Madeiras, Chapas de Zinco, e Adobe. Vivendas precárias que caracterizam zonas e Bairros subalternos, onde encontramos pessoas de classes baixas e os repatriados, com a ausência de saneamento básico (água, energia elétrica, esgoto e recolha de lixo), formando a desigualdade na vasta Luanda. Os bakongo chegam diretamente nestes bairros, onde encontram céu aberto de oportunidades para o desdobramento das suas atividades quotidianas. De acordo PEREIRA (2008,p.58).

“Os chamados regressados vieram chegando em diferentes levas. Primeiro, aqueles chegados na altura da independência, formaram um pequeno grupo de algumas centenas. Estes ocuparam os diversos cargos vagos na administração do Estado e dispuseram das residências do centro da cidade com a saída dos portugueses, acompanhando parte da população que estava na capital”.

O período pois guerra mobilizou os angolanos na diáspora, uma década depois da proclamação da independência anos 1980, observou-se o regresso de muitos repatriados

que tiveram exilados nos países vizinhos e não só, no caso dos regressados que vinham do RDC na sua maioria eram Bakongo por causa da sua localização geográfica que aproxima duas culturas semelhantes, Bakongo e zaireense.

“O segundo grupo, nos anos 1980 e 90, constituiu o contingente que adquiriu maior visibilidade, tanto pelo seu maior número, de vários milhares, como pela iniciativa da montagem do mercado paralelo e ilegal e pelos confrontos decorrentes do impacto destas transformações . Estes construíram e ocuparam os que hoje identificamos como bairros de grande população regressada como Palanca, Petroangol, Mabor, Hoji A Henda e Rocha Pinto, As recentes levas de população das províncias somam-se aos que ainda chegam do Congo/Zaire, de filhos e netos de angolanos. Estes engordam os bairros de regressados já citados e avançam ainda para outros bairros, como o Golfe e Sapu” (PEREIRA, 2008, p.58).

Os bairros da sapú, petrangol, mabor e palanca são os mais frequentado e habitados pelos Bakongo, são zonas de abertura estratégica para as atuações do comércio e serviços braçais que caracterizam os membros da etnia.

“Percebe-se, de acordo com as levas de imigrados, algumas diferenças de ordem regional nas ocupações dos bairros. Vemos assim que, no Palanca, habitam majoritariamente os originários da província do Uíge e que no Petroangol residem mais pessoas da província do Zaire, da região de Mbanza Congo (antiga São Salvador). As populações vindas do litoral – Soyo, Nzeto, etc. – ainda dão preferência ao Sambizanga e até mesmo o bairro da Samba, ambos próximos ao litoral de Luanda” (PEREIRA, 2008, p. 58).

Assim sendo para a população luandense, todos esses indivíduos que habitam nos bairros citados derivam dos países vizinhos do norte de angola, se referenciando a República do Congo e a República Democrática do Congo. Associando os bakongo de angola numa equívoca percepção popular dos residentes de luanda. Os chamados regressados têm esses bairros de referência para as suas instalações ao chegarem na capital, zonas que encontram mukongos e relacionam-se amigável e familiarmente, enfrentando os mesmo estigmas que lhes são atribuídos na sociedade luandense. Para Goffman (1891, p.111)

“Deve-se ver, então, que a manipulação do estigma é uma característica geral da sociedade, um processo que ocorre sempre que há normas de identidade. As

mesmas características estão implícitas quer esteja em questão uma diferença importante do tipo tradicionalmente definido como estigmático, quer uma diferença insignificante, da qual a pessoa envergonhada tem vergonha de se envergonhar”.

Com os rótulos de estrangeiros ou zairenses que atribuíam aos bakongo, muitos dos membros não tinham coragem de afirmarem ou assumirem-se como pertencentes da etnia em Luanda, com incentivos dos mais velhos e associalização com membros de outras etnias que se assumiam, os Bakongo ao chegarem diretamente em Luanda intitulam-se eu sou Bakongo e esse slogan viralizou num passado recente com a música do rapper angolano Yannick afroman «eu sou bakongo»:

1ª Estrôfe:

Antes eu me escondia

Antes eu me embarrava

Eu tinha vergonha

Eu era complexado, mas quando me perguntavam se sou de onde?

Com todo orgulho, eu respondo a sorrir!

Eu sou bakongo, bakongo(4x)⁷.

O artista descreve na sua música a demonstração identitária cultural que no passado estava ou era omissa pelos indivíduos da etnia ao chegarem em Luanda, porque eram estigmatizados e discriminados, nos que afirmavam-se de luandenses intitulados que residem na capital. Hoje essa música que viralizou o mercado nacional, é vista como forma de auto-identificar não só para os Bakongo mas também aos membros de outras culturas.

6.6 A ESTIGMATIZAÇÃO NO ESPAÇO RELIGIOSO BAKONGO

A religiosidade é uma forma das pessoas expressarem suas crenças e prestarem culto a Deus, Luanda é uma cidade catedral, encontramos muitas igrejas de doutrinas e crenças diferentes na capital de Angola. A igreja católica é a que mais tem fiéis e seguidores em Luanda e ela conta com suas dioceses em todos os municípios sendo predominado ou dirigido pelos arcebispos ou papas. Existem outras igrejas derivadas de matriz africana que encontramos em Luanda, e que diferenciam-se nas línguas predominantes e nas ceitas religiosas. Muitas dessas igrejas não têm o português como a língua padrão no ato de prestação de culto a Deus, por causa das origens institucional e de alguns membros provenientes de outros lugares.

“A história da Igreja em Angola acompanhou os primeiros tempos da chegada dos portugueses na região central da África, justamente na região do Reino do Kongo. Os contatos entre os representantes da Coroa Portuguesa e a elite real Kongo acarretaram na conversão desta elite local ao catolicismo e na cristianização do reino” (PEREIRA, 2008, p.107).

Os portugueses quando chegaram em África a sua primeira missão foi pelas práticas religiosas começaram por convencer o rei e o seu reino, alegando que existia um ser supremo e que a salvação dos africanos dependia da aceitação desse ser supremo e posteriormente convenceram-os a receberem batismo com pretensão de troca de nomes e fragelização do reino em termos de resistência contra. Com um meio ilustrativo, como espelhos mostraram aos africanos como eram seus retratos, vendo isso, os africanos acreditaram e disponibilizaram-se aos ocidentais.

“A Igreja Católica, tal como em todo o país, é a que tem mais adeptos entre os bakongo. A Igreja Batista, a principal igreja protestante implantada no norte de Angola, segue como outra igreja de grande inserção. Dentre estas, a Igreja Evangélica Batista em Angola (IEBA), a Igreja Kimbanguista (Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo sobre a Terra pelo Profeta Simão Kimbangu)” (PEREIRA, 2013, p.26).

As igrejas Evangélicas, Protestantes e Batistas são as que encontramos com mais frequência os Bakongo e muitas dessas religiões surgiram no seio da Etnia com propósito de engrandecer e louvar Deus, os bakongo também expressam a religiosidade para solidarizarem-se uns aos outros, no âmbito religioso são caracterizados pelos seus envolvimento ativo nas igrejas, louvando e prestando culto a Deus. A igreja Evangélica Batista em Angola (IEBA); a igreja nosso senhor jesus cristo sobre a terra pelo profeta simão kimbangu (igreja do kimbangu); igreja do nosso senhor jesus cristo no mundo simão tocó (tocoísta), essa última designação religiosa atualmente é a igreja mais grande construída em África.

“Desde o final do século XIX, o processo de recristianização da região do Kongo com a implantação de missões católicas e protestantes, já sob o domínio colonial, assistiu vários movimentos religiosos, sendo o mais importante deles o Kimbanguismo, na década de 1920, no Congo Belga” (PEREIRA, 2013, p.13).

A denominação kimbanguista surgiu no congo e descendeu até angola, é uma das religiões mais populosa de luanda. Segundo NZILA (2008) “Outra denominação de raiz kikongo chamada Simão Toco, surgiu na década de 40 na província do uíge em angola, datado aos 25 de julho de 1949 pelo então profeta Simão Gonçalves Toco”.

As denominações de matríz africana que encontramos em Luanda com mais fiéis e seguidores são as igrejas do Kimbangu e do Simão Tocó, a primeira surgiu no RDC e cresceu em angola em termo de população, já a igreja do Simão Tocó, foi fundada no norte de angola concretamente na província do Uíge. Essas são as duas maiores religiões onde encontramos membros da etnia bakongo e individuos da República Democrática do Congo, unidos pelo mesmo culto de adoração a Deus.

“A dinâmica religiosa dos bakongo aparece como uma dimensão fundamental para pensar a articulação que estes fazem entre si, enquanto grupo, e com a sociedade nacional. Percebe-se assim que a instituição religiosa vem permitindo ao grupo recompor seu passado e seu presente, sua forma especial de associar processos de continuidade cultural e mudanças, dando-lhes significados adequados ao seu contexto atual e a uma história marcada pela migração e pelos deslocamentos” (PEREIRA, 2013,p.22)

De acordo PEREIRA (2013,p.23).

“Segundo o INAR (Instituto Nacional para Assuntos Religiosos, órgão do governo que regula e registra as instituições religiosas), as igrejas se multiplicam por toda a cidade de Luanda, do centro à periferia. Mas, em bairros cuja maior parte da população é originária do norte de Angola é observado um número maior de igrejas e de diferentes denominações”.

Portanto essas religiões são definidas ou chamadas pejorativamente de igrejas dos Langas, por causa da associalização com indivíduos congolês e também a forma de professarem seus cultos a Deus. no âmbito religioso a estigmatização dos Bakongo recaem na questão de se autoafirmarem povos comerciantes e que fazem tudo pelo dinheiro, segundo alguns dizeres na sociedade luandense, também por relacionarem-se com os congolês.

“Entre intelectuais angolanos, principalmente escritores ficcionistas, jornalistas e alguns pesquisadores, a proliferação das igrejas é percebida como um equivalente da candonga, uma espécie de “candonga espiritual”. Candonga refere-se ao comércio paralelo, hoje informal, alastrado pelo país, alimentado pelo contrabando e pelas práticas tácitas ou informais de trocas e da comercialização do favor, da pequena e disseminada corrupção” (PEREIRA, 2013,p.23).

Existem igrejas que exercem a teologia da prosperidade que têm viés de enriquecerem os meus líderes e professam cultos milagroso e prometem o páizo divino aos seus fiéis em troca de bens materiais e remunerações também, essas religiões trabalham com espiritismo, por conta dessas praticas as pessoas atribuem essa denominação aos Bakongo com os seguintes dizeres: são eles mesmo, porquê fazem tudo por dinheiro. O comércio que identificam os bakongo é mal interpretado neste sentido.

[...] A tese da candonga espiritual” casa-se facilmente com o histórico dos bakongo, enquanto grupo que introduziu a prática do comércio informal/ilegal logo após a independência de Angola. Reproduz-se desse modo, o mesmo estereótipo do mukongo/regressado voltado para as práticas ilegais de comércio (práticas depois seguidas por toda a população), aquele que teria tido a “iniciativa” de “enriquecer” indevidamente com o “desespero” alheio, através da abertura de igrejas e cobranças de dízimos” (PEREIRA, 2013, p.24).

As praticas de candonga religiosa, é frequente nos indivíduos congolezes, malianos, senegalês e muitos outros que chegam em Luanda e não aos Bakongo, reparamos que quando esses sujeitos chegam em Angola concretamente Luanda, com os ensinamentos Bíblicos que eles possuem fazem da igreja um comércio e daí conseguem arrecadarem fundo para seus sustentos e da sua família. Essas praticas dos congolês deixam equívocos na sociedade de Luanda, julgando que entre os Bakongo e congolês todos são da mesma cultura ou então local de partida que chegam me Luanda com o mesmo preposito.

[...] bom negócio”. Assim, apenas teriam feito mais cedo o que os outros angolanos só vieram a realizar anos depois: tanto a montagem do comércio informal como a abertura de igrejas (e de partidos políticos e de organizações não-governamentais) foram iniciativas tomadas, primeiro, pelos angolanos do norte, práticas depois “copiadas” pelos outros angolanos (PERREIRA, 2013, p.26).

Pelas influencias de aproximação fronteira entre os Bakongo e os congolês, os primeiros indivíduos a fazerem as praticas de comércio foram os Bakongo e entre esses comércios a religião nunca foi vista como uma delas, para os Bakongo comércio parti do pressuposto de trocas de artigos ou materias palpaveis e não de candongas religiosa como já mencionado. Os Bakongo identificam-se comercialmente como vendedores e compradores de bens comerciais.

As culturas em angola, sofreram influências de forma degradativa e destorcidas com a implementação do assimilado da modernidade pelo colôno português, os grupos culturais viveram processos de apagamento identitários ao chegarem na metrópole, Luanda é a província de angola com uma moldura humana, que compreende diversidades culturais e dentro dela existe equilíbrio de aceitação e associalização de culturas.

Nestas contrariedades culturais surgiram as estigmatizações da população locais, que se intitulam verdadeiros donos de Luanda e os únicos merecidosores, essa autoafirmação está na base da relação existente entre os ocidentais e os filhos da terra (angolanos), a desunificação dos angolanos é um fato que não faz jus a identidade culturais e na analogia de construção de um homem novo.

No entanto, com a preservação das culturas locais e aceitação de outras etnias, teremos a possibilidade da unificação de um país sólido nas bases culturais e firme identitariamente rumo ao futuro do irrequescimento da cultura com o intuito de ajudar o país no desenvolvimento da esfera cultural e social.

Pretendo com essa pesquisa apelar aos membros da sociedade luandense e angolana em geral, o espírito de solidariedade e respeito de outrem partindo no pressuposto de aceitação e associalização sem olharmos nas diferenças que constitui cada ser. Que o tribalismo seja superado com a concatenação das culturas de forma paulatina ou unânime, com a pretenção de fazer o jus ao slogan do hino nacional que alega “um só povo e uma só nação” e de Cabinda ao Cunene, de mar ao leste um só povo e uma só nação.

7 METODOLOGIA

No presente projeto descrevemos sobre a Estigmatização da Etnia Bakongo em Luanda, sendo um dos maiores grupos etnolinguístico de Angola, analisamos os estigmas que são atribuídos aos Bakongo de estrangeiro em Luanda, trouxemos os possíveis motivos que as pessoas atribuem o adjetivo de estrangeiros aos membros da mesma sociedade, associando o espaço de convivência da etnia e vimos também a estigmatização no espaço religioso dos bakongos de forma problematizada.

Sobre a metodologia, utilizamos o único possível durante uma pandemia: a entrevista remota. Assim, elegemos meios quantitativos de pesquisa levantando dados primários sobre quantas pessoas são da etnia Bakongo e quantos não são. Embora esse método seja amplamente utilizado, o fizemos a fim de mapearmos uma primeira pesquisa. Os autores ainda confirmam que irão realizar pesquisa de campo com entrevistas estruturadas no momento da pesquisa de campo."

Desta feita, a compreensão do tema tem como finalidade o relacionamento das ações humanas ao conhecimento da pesquisa fundamental para as resoluções dos diversos problema existente, com o objetivo de descrever e comparar os costumes, comportamentos, diferenças e outras características, tanto da realidade presente, como do passado.

8 CRONOGRAMA

Atividade desenvolvidas	Dezembro 2019	Janeiro 2020	Março 2020	Janeiro 2021	Março 2021	Abril 2021
Revisão Bibliográfica	X	X				
Produção do projeto			X	X	X	
Defesa do projeto						X

REFERENCIAS

- ANGOLA, Constituição da República de. **Luanda: Assembleia Nacional**, 2010.
- BENGUI, Manuel Paulo e TIMBANE, Alexandre António. **Os “segredos” socioculturais por detrás dos nomes da etnia bakongo: A língua e a cultura em debate**. Revista de ciências sociais. Fortaleza, v.50,n.3,nov.2019/fev.2020, p.195-222.
- BENGUI, Manuel Paulo. **A língua e a cultura do povo bakongo: do nome ao parentesco na culturação moderna**. São francisco do conde, Unilab/Bahia, 2019.
- CALDAS, Rafael Andrade. **Os desdobramentos dos conflitos na angola: os bakongos e seu estigmas de estrangeiro**. Revista de iniciação científica da FFC, Marília, v. 19, n 2, P. 3-12 jul. - Dez., 2019.
- COSTA,Rebeca Torres Alves. MIESSA,Erasmus Ruiz .**Estigma: uma realidade da população em situação de rua (PSR)** v 04 . nº 14. 2015
- DAMBA, Muana. **Manifesto da Sexta-Feira Sangrenta**. Publicado por Muana Damba activado 23 Enero 2013, 10:07am Etiquetas: #História do Reino do Kongo.
- GONZALES, Léila. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.
- HOOKS, Bell. **O Feminismo é para Todo Mundo**. Ed: Rosa dos Tempos, 2018.
- HURSTON, Zora Neale. **Filmagem de Campo**. Revista de antropologia Ayé, 2021. <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/Antropologia/issue/view/33>.
- MBEMBE, Achille. **Afropolitanismo**. Áskesis | v. 4 | n. 2 | julho/dezembro - 2015| 68 – 71.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de**. - Instituto Kuanza,São Paulo, 2006.
- NZILA, Vasco Pedro. **Introdução ao Tocoísmo**. Publicado pelo GCNET,2008. <https://gcnetoco.webnode.com.br/news/conhe%C3%A7a%20o%20tocoismo%20-%20i%20-%20origem%20da%20igreja/>.Acesso:27/02/2021.
- PAULINA, Chiziane. **Eu Mulher por uma Nova Visão do Mundo**. Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF, Vol. 5, nº 10, Abril de 2013.
- PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Religião e Parentesco entre os Bakongos de Luanda**. Afro-Ásia , 47 (2013), 11-41.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Os bakongos de angola: região, política e parentesco num bairro de luanda.** São paulo: serviço de comunicação social. FFLCH/USP,2008.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. **Etnias de fronteira e Questão nacional: o caso dos “regressados” em angola.** PPGAS/USP. Bolsista FAPESP.cadernos de campo n.10.2002

TELO, Florita Cunhanga António. **Angola: a trajetória das lutas pela cidadania e educação em direitos humanos.** UFPB/CCJ. João Pessoa, 2012.

ROCHA, Edmundo. **Angola: Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano (Período de 1950-1964).** Lisboa: Dinalivro, (2009).

GOFFMAN, Erving. **Estigma- notas sobre a manipulação da identidade deteriorada:** 1891.